

**Emil Cioran e a Filosofia Negativa:  
Homenagem ao centenário de nascimento**

## **Conselho Editorial**

Alex Primo – UFRGS  
Álvaro Nunes Larangeira – UTP  
Carla Rodrigues – PUC-RJ  
Cristiane Freitas Gutfreind – PUCRS  
Erick Felinto – UERJ  
Edgard de Assis Carvalho – PUC-SP  
J. Roberto Whitaker Penteadó – ESPM  
João Freire Filho – UFRJ  
Juremir Machado da Silva – PUCRS  
Michel Maffesoli – Paris V  
Muniz Sodré – UFRJ  
Philippe Joron – Montpellier III  
Pierre le Quéau – Grenoble  
Renato Janine Ribeiro – USP  
Sandra Mara Corazza – UFRGS  
Tania Mara Galli Fonseca – UFRGS

**Emil Cioran e a Filosofia Negativa:  
Homenagem ao centenário de nascimento**

**DEYVE REDYSON  
(Organizador)**

**Catalina Elena Dobre  
Deyve Redyson  
Edson Manzan Corsi  
Ikaro Max  
Marcelo Santos  
Renato Tapado  
Ruy de Carvalho  
Wagner Guedes**



*Editora Sulina*

© Deyve Redyson, 2011

Capa: Vinícius Xavier

Projeto Gráfico: SOLO EDITORAÇÃO/Niura Fernanda

Editoração: Niura Fernanda

Revisão: Lúcia Carolina e Mariane Farias

Editor: Luis Gomes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza – CRB 10/960

---

E53

Emil Cioran e a filosofia negativa: homenagem ao  
centenário de nascimento / org. por Deyve Redyson. – Porto  
Alegre: Sulina, 2011.

151 p.

ISBN: 978-85-205-0593-9

1. Filosofia. 2. Ciência Humanas. 3. Emil Cioran -  
Filósofo. I. Redyson, Deyve

CDU: 101

CDD: 100

---

A grafia desta obra está atualizada segundo o Acordo Ortográfico  
da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA MERIDIONAL LTDA.

Av. Osvaldo Aranha, 440 – conj. 101

CEP: 90035-190 – Porto Alegre – RS

Tel.: (51) 3311.4082 Fax: (51) 3264.4194

sulina@editorasulina.com.br

www.editorasulina.com.br

Agosto / 2011

# ÍNDICE

Introdução

Emil Cioran: Sua vida e seu *Breviário de Decomposição* | 7  
*Deyve Redyson*

De *Kynismus* a *Zynismus*: ou do latido  
pedagógico ao pessimismo cínico de Cioran | 17  
*Ruy de Carvalho Rodrigues Júnior*

Escrever com Cioran | 45  
*Renato Tapado*

O Interesse pelo Pior. O Conceito  
de Péssimo na Metafísica de Cioran | 53  
*Deyve Redyson*

Emil Cioran e a experiência existencial da escritura | 73  
*Catalina Elena Dobre*

A Poesia em Cioran | 91  
*Edson Manzan Corsi*

Emil Cioran – o último dos metafísicos | 101  
*Wagner Alves Guedes*

Lucidez Demoníaca: a revolta  
de Cioran contra Deus e os homens | 117  
*Ikaro Max*

Sobre Deus e o Caos no Pessimismo de Emil Cioran | 129  
*Marcelo Santos*

Carta-Prefácio de Cioran para Fernando Savater | 139  
*E. M. Cioran*

Sobre os autores | 141

Referências | 144



# INTRODUÇÃO

Emil Cioran: sua vida e sua filosofia paradoxal,  
em homenagem ao centenário de seu nascimento

Deyve Redyson<sup>1</sup>

Um gnóstico contemporâneo. Essa talvez seja a receita para compreender o pensamento do filósofo romeno Emil Cioran (1911-1995). Filósofo polêmico, pessimista e dono de uma obra que desperta, no mínimo, interesse. Quando surgiram seus livros, o filósofo francês existencialista Gabriel Marcel afirmou: “Acaso Cioran é o diabo?” Fernando Savater, quando decidiu escrever sua tese de doutorado sobre o romeno, ouviu a afirmação de que este tal Cioran não existia e que não passava de um pseudônimo de Savater.

Neste ano de 2011 faz cem anos que esse fisiologista de ideias nasceu numa pequena cidade da Romênia. Escrevia por necessidade e acreditava ser vítima de uma espécie de desgaste que o levou a produzir uma imensa obra nutrida de sentimentos e dores, de arrogâncias e especulações. Acreditava, também, que a ideia de homem era inaceitável e que a morte seria um estado de perfeição, uma certa *urgência do pior* unida a um alívio existencial. Ao mesmo tempo, cria que a música seria o único acesso ao universo místico de verdadeira transcendência humana.

Cioran ainda não é um pensador muito conhecido nos meios filosóficos, sua representação é dada por pequenas e

esparsas citações e seu nome ainda não foi inscrito nos manuais de filosofia. Por ser um filósofo em emergência contemporânea e por estar sendo representado e conhecido como o mais trágico pensador após Nietzsche e após Schopenhauer, na filosofia, e Leopardi e Byron, na literatura, Cioran é severamente punido por suas ideias pessimistas e profundamente revoltadas para com a vida, o homem e a sua finalidade. Acreditava, também, que vivera muito e que escrevera demais. E, sem necessidade, niilista por completo e pessimista de alma, entendia que a existência humana – e sua criação por um deus – não passava de uma grande fatalidade, e que a existência do compositor Johann Sebastian Bach teria feito com que esta realidade não fosse pior. Considerado o mais pessimista de todos os filósofos e responsável por uma extensa obra trágica, que respira os dons da dor, da angústia e do completo desespero por se encontrar, sem ter pedido por isso, num mundo de fatalidades e desgraças.

No Brasil, o pensamento desse romeno é ainda menos conhecido e a verdadeira intenção deste livro é apresentar sua obra e seu pensamento através das fases de sua vida, por ocasião de seu centésimo aniversário. Um filósofo que relutou contra a própria filosofia e que desempenhou uma criticidade extrema em relação aos seus contemporâneos e antecedentes há de ser reconhecido, pois, com grande lucidez, interpreta a filosofia e seus personagens. Cioran merece uma leitura mais cuidadosa e reflexiva para encontrarmos os princípios de uma filosofia pessimista, além de seus argumentos contra a vida e suas esperanças, ao mesmo tempo em que mergulharemos em sua densidade mística e contemplativa.

Formado em filosofia na Universidade de Bucareste, Cioran pode ser compreendido hoje como o pensador que ainda tem muito a contribuir com os amálgamas da filosofia. Sua leitura somente enriquecerá o pensamento contemporâneo e nos fará entender melhor o mundo e suas circunstâncias. A melancolia e o tédio dos quais se utiliza em suas obras contagiam mortalmente quem o lê, sua visão de mundo nos transporta a

uma leitura simpática aos sentidos do trágico. Suas leituras iniciais circundam Balzac, Baudelaire, Dostoiévski, Leopardi, Schopenhauer, Nietzsche, Heidegger, Simmel e Kierkegaard; escreve, inicialmente, uma tese sobre Bergson e, em seguida, dedica-se a outra sobre Nietzsche.

No decorrer de sua obra, Cioran põe em releitura vários momentos da história da filosofia, focalizando pensadores e escritores que perfazem a leitura do mundo. Em sua obra estão cerca de vinte volumes, que se compõem de livros, pequenos artigos, prefácios, entrevistas e diários, além de sua vasta correspondência, na qual aparecem nomes como os de: Angelus Silesius, Aristóteles, Bacon, Bach, Balzac, Barthes, Baudelaire, Beckett, Beethoven, Bergson, Bhagavha-Gita, Blake, Boehme, Buda, Byron, Campanella, Confúcio, Chestov, D'Alembert, Dante, Descartes, Diderot, Dostoiévski, Flaubert, Freud, Goethe, Hegel, Hartmann, Heidegger, Hitler, Hume, Ionesco, Joyce, Kafka, Kant, Keats, Kierkegaard, Kleist, Lao Tse, Lichtenberg, Lutero, Madame de Staël, Mahabharata, Maistre, Marco Aurélio, Montaigne, Nietzsche, Ortega y Gasset, Pascal, Pirro, Poe, Proust, Rilke, Rousseau, Russell, Sade, Saint-Simon, São João da Cruz, Sartre, Schopenhauer, Shakespeare, Sócrates, Spinoza, Teresa de Ávila, Tolstoi, Upanishades, Unamuno, Valéry, Voltaire, Wagner, Wittgenstein, Zambrano, Zola e outros.

### **1. Sobre a vida e sobre a obra<sup>2</sup>**

Emil Cioran nasceu no pequeno vilarejo de Rasinari, na Romênia, numa pequena cidade na região da Transilvânia, aos 8 de abril de 1911. Filho de um padre ortodoxo, Emilian, e de Elvirei Cioran. Tinha uma irmã mais velha chamada Virgínia e um irmão mais novo chamado Aureliu. Teve uma infância feliz, nos arredores das montanhas dos Cárpatos, entre os bosques e as conversas com os camponeses. Aos dez anos, por decisão dos pais, mas contra a sua vontade, mudou-se para cidade de Sibiu,

a doze quilômetros de Rasinari, onde estudou no Liceu Georgh Lazar e viveu em uma pensão de propriedade de alemães para aprender alemão. Na cidade de Sibiu, o menino Cioran sentia que seu paraíso tinha acabado, que sua vida feliz terminara. Sempre que se lembra de sua terra natal é acometido de nostalgia e lamento. Sibiu era uma cidade onde a influência de culturas era muito grande, pois lá moravam vários povos: romenos, alemães e húngaros. Já aos quinze anos, Cioran lia: Diderot, Balzac, Flaubert, Schopenhauer, Nietzsche e Dostoiévski. Em 1928, matricula-se na Faculdade de Filosofia e Literatura de Bucareste – neste período começa a ter crises de insônia que o marcaram por toda a vida. A partir de 1932, suas leituras em filosofia tornam-se mais aguçadas e Cioran começa a contribuir com pequenos artigos a revistas como: *Calendarul*, *Florea de foc*, *Vremea*, *Azi e Gandirea*. Neste mesmo ano, termina o curso de Filosofia com uma tese sobre a intuição bergsoniana. Em 1934, como um estopim de suas crises de insônia, vem a público sua primeira obra *Pe Culmile Disperarii* (*Nos Cumes do Desespero*), que representa um verdadeiro tratado sobre o desespero. Cioran diz sobre esse seu primeiro livro:

Eu errava durante a noite pelas ruas, como uma espécie de fantasma, e tudo o que escrevi posteriormente foi elaborado naquelas noites. Meu primeiro livro, *Pe Culmile Disperari*, remonta a esta época. É um livro que escrevi aos vinte e dois anos, como uma espécie de testamento, pois eu pensava que depois me suicidaria. Mas sobrevivi (Cioran, 1995b, p. 287).

Neste mesmo período se interessa pela noção de sofrimento do budismo, naturalmente como um escape de libertação do mundo.

Entre o final de 1933 e o final de 1934, Cioran viaja a Berlim, ganhando uma bolsa de estudos do Instituto Alemão na Romênia, na Fundação Humboldt, para estudar filosofia. Nesta época o nazismo está em plena ascensão, e Cioran tem ligação

com o grupo intitulado Guarda de fogo, um movimento político romeno de extrema direita que elogia Hitler por ele estar reerguendo a Alemanha. Faziam parte desse grupo a geração jovem romena da década de 30, como Constantin Noica, Petre Tutea, Mircea Eliade e Eugène Ionesco. Esse grupo também tinha como ideal ressuscitar a Romênia, então decadente pela política. Sua amizade com Nae Ionesco surge ainda em Bucareste, pois este era professor de metafísica e um grande crítico da filosofia universitária e de toda forma de racionalismo. Essa amizade leva Cioran a interessar-se por diversos outros assuntos dentro da filosofia, inclusive a continuar seus estudos de mística e do budismo. Ainda em Berlim, Cioran tem aulas com Nicolai Hartmann e Ludwig Klages, decepcionando-se com o primeiro e exaltando a crítica ao racionalismo do segundo. Martin Heidegger também exerceu influência sobre Cioran nessa fase com *Ser e Tempo* e a base da questão sobre a origem do ser. Posteriormente, Cioran desprezará essa filosofia sob acusação de que Heidegger não passa de um manipulador do ser e de sua verdade, o que faz com que Cioran e seu pensamento se distanciem das preocupações e dos problemas existencialistas e fenomenológicos. Em 1936 retorna à Romênia, onde vai exercer, por um curto período, a profissão de Professor de filosofia no Liceu Andrei-Saguna de Brasov. Seu temperamento irritado e as crises de insônia não permitem sua estada por muito tempo.

O ano de 1936 vai representar para Cioran uma intensa recolhida à leitura de místicos e à redação de textos. Lê com satisfação a vida dos santos, em especial – Teresa de Ávila, João da Cruz, Mestre Eckhart e outros. Publica mais um livro, *Lacrimi si Sfinti* (Lágrimas e Santos), profundamente influenciado pelas leituras místicas misturadas com um grande grito de horror perante a religiosidade e Deus, transformando o livro em um escândalo fortemente blasfematório e herético, pois a santa é igualada a uma prostituta e Deus é tratado de igual para igual no discurso, sem nenhum tipo de divindade. O livro passou por grandes dificuldades para ser impresso e era

forte demais. Além disso, o editor dizia que tudo o que conseguiu foi com a ajuda de Deus, então, aparece alguém e quer publicar uma obra herética dessas (Cioran, 1995b, p. 148). Além do mais, é criticado por sua mãe, que lhe escreve comentando a zombaria que faziam a seu pai e a ela por serem religiosos e pelo amigo Mircea Eliade. Em 1937 recebe outra bolsa de estudos, dessa vez do *Institut Français de Bucarest* mudando-se para Paris, enquanto seu livro é publicado na Romênia, sob diversos pesares, marcando o início de uma nova fase na vida de Cioran.

A decisão de ir para Paris tinha como principal fundamento a redação de uma tese, nunca concluída, sobre Nietzsche (Cioran, 1995b, p. 11). Mora inicialmente em hotéis e, em seguida, matricula-se na Sorbonne para estudar a língua inglesa e para ter moradia e alimentação. Seu estilo de vida, em Paris, era desprezioso e sem muitas finalidades, até os quarenta anos ainda almoçava no refeitório dos estudantes da Sorbonne. Durante este período, somente exercita a leitura e a escrita. Em 1942 conhece Simone Boué, uma professora de inglês que se tornará a companheira de Cioran até a morte, passando a dividir com ele um quarto de hotel. Ela organizará os *Cadernos Póstumos* de Cioran.

O acontecimento capital em sua vida será a mudança da língua. Em 1947, abandona definitivamente a língua romena e adota como sua língua oficial o francês. Começa a escrever a sua obra mais importante, inicialmente intitulada de *Exercícios Negativos*, mas publicada sob o título *Breviário de Decomposição*. Também em 1947, Cioran adota, apenas sob caráter estilístico, um “M” após seu primeiro nome, passando a assinar como E. M. Cioran. Esse “M” nada tem com o seu nome ou de sua família, acredita-se até que fora inspirado no escritor E. M. Foster. O *Breviário* foi bem acolhido pelo público e ganhou o prêmio literário Rivarol. O dinheiro do prêmio serviu para o autor estabilizar-se em Paris. Nesta época, Cioran começa a fazer diversas amizades, com intelectuais dos mais diversos países como os espanhóis Fernando Savater (que escreveu sua tese de doutorado sobre Cioran) e Maria Zambrano, o poeta alemão Paul Celan e o escritor mexicano

Octavio Paz, além de Samuel Beckett, Henri Michaux e o escritor Albert Caraco. Também trocou olhares e poucas palavras com Jean-Paul Sartre e Albert Camus.

Após o *Breviário*, Cioran redige outras obras e começa a ser conhecido pela crítica e pelos estudantes de Paris. Surgem artigos sobre seu pensamento, o que não o agrada, e começa a desinteressar-se pela escrita. Em 1964, dirige, na editora Plon, uma coleção de ensaios que não terá nenhum sucesso, apesar de alguns clássicos serem publicados como: Chestov, Ortega y Gasset e Rudolf Kassner. Será a única tentativa de Cioran como editor; a editora cancelou a coleção no sétimo volume. De 1986 em diante, começam a surgir traduções de seus primeiros livros escritos em romeno, para o francês.

No ano de 1988, há um boato do suicídio de Cioran, por envenenamento. Três dias mais tarde, Cioran aparece na janela de seu apartamento desmentindo o boato. Sua morte acontecerá no dia 20 de junho de 1995, consumido pelo mal de Alzheimer. Dois anos mais tarde, no dia 11 de setembro de 1997, falecerá Simone Boué. Ela aparecerá afogada em seu apartamento. Simone não viu a publicação dos *Cadernos* de Cioran que tinha preparado e corrigido. Sobre a idade com a qual morreria, Cioran dizia ser “escandalosamente avançada” (Cioran, 2001, p. VII).

A primeira obra de Cioran é escrita sob os auspícios da ideia de suicídio. Dominado pela insônia e pela angústia vem à luz *Nos Cumes do Desespero*, escrito em romeno (Pe Culmine Disperari) em 1934, seguido por outros, também em romeno, *O Livro dos Enganos* (Cartea Amagirilor), em 1936; *Lágrimas e Santos* (Lacrimi si Sfinti), em 1937; *O Crepúsculo dos Pensamentos* (Amurgul Gândurillor), em 1938; e *Breviário dos Vencidos* (Îndreptar Patimas), entre 1941 e 1944. *Nos Cumes do Desespero* é considerado a suma do pensamento cioraniano. Em 1949 escreve sua primeira obra em francês, país que adotou como residência, *Breviário de Decomposição* sucedendo as seguintes: *Silogismos da Amargura*, em 1952; *A Tentação de Existir*, em 1956; *História e Utopia*, em 1960; *A Queda no tempo*, em 1964; de 1969; *Do Inconveniente de ter nascido*, em 1973; *Esquartejamento*, em 1979;

*Exercícios de Admiração*, em 1986 e *Confissões e Anátemas*, em 1987. Além de 34 cadernos escritos entre 1957-1972. Cioran foi um homem do exílio metafísico e da ironia do paradoxo, explosivo e colérico, sua obra é um reflexo contraditório e intimamente inspirador, sua escrita é, na verdade, uma filosofia/confissão do espelho de sua vida, do pessimismo trágico e alucinante que é a vida. Cioran é um exemplo de alguém que fez da sua vida uma testemunha do inferno metafísico e existencial que era a sua doença, isto é, viver: escrever para aliviar a dor.

No ano de 2009, o *Breviário de Decomposição* completou 60 anos de publicação e se tornou o principal livro do pensador romeno. O *Breviário de Decomposição* é a obra que traz Cioran aos debates filosóficos e literários na França e é sua retomada na Romênia. É um livro pesado, doloroso e totalmente negativo, ele não abre possibilidades para um acaso, o seu verdadeiro tema é o pessimismo, o cinismo e a indiferença. O *Breviário de Decomposição* é o primeiro livro escrito em francês por Cioran, ainda não representa seu caráter de aforismo, chama-se inicialmente *Exercícios Negativos* e foi reescrito por quatro vezes, recebendo assim o título de *Breviário de Decomposição*. É enviado por Cioran, em 1947, para a editora Gallimard, que o aprova. Mas a publicação é adiada inúmeras vezes, só sendo realizada em 1949, com uma tiragem de dois mil exemplares. O *Breviário* foi bem acolhido pela crítica, recebendo até elogios e comentários. Em 1950, Cioran recebeu, pelo *Breviário*, o Prêmio Rivarol. No princípio do livro, Cioran nos mostra um pouco de seus tempos de juventude, somado a uma irrefreável ânsia trágica:

Em todo homem dorme um profeta, e quando ele acorda há um pouco mais de mal no mundo... a vida em comum torna-se intolerável e a vida consigo mesmo mais intolerável ainda (Cioran, 1995b, p. 14).

A finalidade, deste pequeno livro, é homenagear os cem anos de nascimento do filósofo Emil Cioran e sua obra. Mantê-lo na memória filosófica e trazê-lo para os estudantes que não

o conhecem como verdadeiro mestre dos auspícios, do pensamento trágico e pessimista que ainda tem muito a contribuir na academia e fora dela. Emil Cioran deixou uma obra que quer despertar de seu sono dogmático e transpor, juntamente com vários outros, os academicismos atuais.

Cioran começa a ser conhecido no Brasil, já surgiram algumas traduções suas em língua portuguesa e comentários que auxiliam na leitura e interpretação de seu pensamento<sup>3</sup>. Nesta coletânea de textos, apresentamos, providas de pesquisadores do pensamento de Cioran, em várias instituições do país, expressões do seu filosofar e das diversas interrogações existentes dentro do universo cioraniano de viver a vida, a filosofia e, principalmente, a fisiologia do existir.

Deyve Redyson, Organizador  
João Pessoa, 24 de Novembro de 2010

## NOTAS

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia (Oslo, Noruega). Professor da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

<sup>2</sup> Uma das melhores biografias sobre Cioran é, sem dúvida, a de Liiceanu: Liiceanu, Gabriel. *Itinéraires d'une vie: E. M. Cioran*. Paris. Editions Michalon. 1995. Para outras, vide bibliografia.

<sup>3</sup> Veja-se a bibliografia em que apresentamos os livros traduzidos em língua portuguesa e obras de comentadores.

## REFERÊNCIAS

CIORAN, Emil. *Breviário de Decomposição*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1995a e Intretiens 1995a.

CIORAN, Emil. Carta ao autor. In: Cioran. *Exercícios de Admiração*. Trad. José Thomaz Brum. Rio de Janeiro, Rocco. 2001, p. VII. Carta recebida por José Thomaz Brum de Cioran, em 25 de março de 1988.

CIORAN, Emil. *Entretiens*. Paris: Gallimard, 1995b.